



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## **A TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL DE PROFESSORAS NEGRAS: A ESCOLHA DO MAGISTÉRIO COMO UM ESPAÇO DE SUPERAÇÃO DE UMA HISTÓRIA DE EXCLUSÃO**

Maria José Mariano\*  
(UESB)

### **RESUMO**

Este artigo é parte da nossa tese de doutorado, ora em andamento intitulada “ A História da Educação em Valença: Memória de Professoras Negras”. Nosso interesse é compreender porque uma grande parcela de mulheres negras valencianas exerce a docência nas séries iniciais do ensino fundamental na Rede Pública Municipal da cidade de Valença-Bahia. Pretendemos investigar se a opção dessas docentes pelo magistério, não é uma forma de “fuga” do determinismo social que as orientam para profissões menos privilegiadas e, também, uma maneira de ascender socialmente. A pesquisa atende aos pressupostos da pesquisa qualitativa. Utilizaremos como procedimento metodológico a História Oral.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da educação. Professoras negras. Memória.

### **INTRODUÇÃO**

Nos limites deste trabalho não pretendemos fazer uma análise profunda sobre a história de Valença, visto que, não é este o objetivo do trabalho ora proposto. Assim faremos breves reflexões com vistas a contextualização do nosso objeto de estudo. Para tanto trataremos a tona aspectos do estudo de Waldir Freitas de Oliveira sobre a história da região de Valença; o estudo refere-se à presença dos índios tupiniquins, dos índios aimorés, os quais empreenderam fortes ataques aos primeiros europeus (colonizadores), chegados na região onde foi construída a

---

\* Mestra em Educação pela UFPB, Professora Assistente da UNEB, Grupo de Pesquisa Memória da Educação na Bahia.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

cidade. E, como não poderia ser diferente os indígenas foram vítimas de genocídio, sangrentas represálias. Concentra-se, entretanto, no período que se inaugura a partir dos meados de 1860 durante o Império; deste estudo resultou a produção um livro intitulado “A industrial cidade de Valença (um surto de industrialização na Bahia do século XIX)”, onde, como o próprio título já indica, mostra que a história de Valença tem estreita ligação com a história da indústria têxtil no Brasil, mais especificamente, na Bahia e, neste contexto evidencia a construção, em 1844, da fábrica de tecidos “Todos os Santos”, hoje Companhia Valença Industrial.

Com relação à presença do negro no cenário da história de Valença nos seus primórdios, mais especificamente, no período imperial, sabe-se da existência de grande número de negros trabalhando como escravos nos vários engenhos de cana de açúcar. Eram mão de obra fundamental para as lavouras das fazendas da região. Waldir afirma que um dos fatores determinante para o deslocamento do capital comercial que sustentava a economia baiana à época, dando lugar aos investimentos na produção industrial, com a criação da indústria têxtil, foi a necessidade de tecidos de panos para o ensacamento dos produtos que eram exportados e, também a confecção de roupa para os escravos. Assim, o povoado ocupava lugar de destaque na produção agrícola como, a mandioca, o café, o cacau, a cana de açúcar, arroz, canela; sem falar no movimentado do comércio da madeira que exportava, fazendo de seu porto um dos mais dinâmicos dada a grande quantidade de embarcações que lá chegava.

Partindo do pressuposto de que a utilização da mão de obra escrava pelos senhores de engenhos e fazendeiros dava-se em grande quantidade, naturalmente existiam na província comerciantes donos de consideráveis riquezas advindas do tráfico, pois alguns eram proprietários de navios negreiros, a exemplo de Antônio Francisco de Lacerda e, Antônio Pedrosa de Albuquerque, “(...) possuidores de considerável fortuna, pelo fato de haverem associado capital, em 1844, para a



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

construção e instalação da fábrica de tecidos “Todos os Santos” em Valença”. (CALMON, 1923, apud Waldir).

Sobre a presença do negro que por via desse tráfico chegou à região para ser utilizado como mão de obra na condição de escravo, comenta Waldir (1985, p. 15):

Apesar da devastação causada no seio das populações indígenas pelos comandados por João Amaro, não foram os gueréns submetidos e em começos do Século XVIII voltaram a atacar a região. Enquanto isto um novo fator de inquietação ali surgida, com a fuga contínua de escravos negros e a conseqüente formação de quilombos, contra os quais foram enviadas expedições, visando exterminá-los.

A partir dessas considerações podemos inferir interrogações a respeito da trajetória de luta vivenciada pela população negra na região do Baixo Sul, desde o Período Colonial, atravessando o Império, a República e, permanecendo até os dias atuais, à medida que busquemos investigar os caminhos que vêm sendo trilhados por ela ao longo dos vários séculos de caminhada histórica. Assim, será possível apreendermos elementos que nos possibilite uma compreensão efetiva acerca da real presença do negro no cenário da história da cidade de Valença, da qual ele é um dos “atores sociais” na dinâmica do processo histórico de construção do patrimônio cultural que permanece vivo e, dá contorno a sua “moldura”.

O ponto de partida para o exercício desse olhar, no sentido de captar a verdadeira dimensão da capacidade que o negro, nos períodos já citados, teve de operar formas de resistências, pode-se observar o verdadeiro sentido das comunidades quilombolas existentes atualmente no município de Valença. Mostra a expressão viva da história de luta vivida por centenas de escravos que fugiam do cativeiro em busca de liberdade, e, se organizavam em comunidades, onde forjavam laços de solidariedade, recriavam cultura, produzindo valores e normas para orientar sua conduta social; ou seja, nos quilombos os negros teriam que



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

elaborar estratégias para continuarem não apenas resistindo, mas existindo pois, o lema passava a ser resistência e existência.

Retomando a discussão acerca da história de Valença, no que se refere ao crescimento econômico e o desenvolvimento político, durante o período em questão, segundo Waldir (1985), em 10 de novembro de 1849, pela resolução nº 368, a sede do município recebeu o foro de cidade sob a denominação de Industrial Cidade de Valença, tendo em vista a fundação, em 1844, da fábrica de tecido a qual já nos referimos. Cabe frisar que a instalação desta foi um empreendimento de grandes “proporções às margens do rio una em Valença, á altura da sua segunda cachoeira, a partir da foz, contando com abundante força hidráulica e um inicialmente presumido fácil abastecimento de matéria prima, a ser fornecida pelas terras da comarca do Rio de Contas” (WALDIR, 1985, p. 49).

Da leitura que fizemos sobre as incursões históricas de Waldir, não nos deparamos com dados, indícios, sobre a presença do negro no cenário da história da educação de Valença, nos remotos tempos, mas especificamente, Século XVIII e XIX, mas, por outro lado, é oportuno registrar que, se cabe neste palco o domínio de ofícios e, até mesmo especializações na indústria do açúcar, supõe-se ter existido espaços de aprendizagem onde mestres repassavam ensinamentos técnicos aos “escravos de ofício” que deveriam ser habilitados, dispondo de conhecimentos técnicos que, em alguns casos, o domínio prévio seriam necessário para desempenho de algumas funções nos engenhos.

Nessa linha de raciocínio, vale frisar que a ausência do negro na historiografia da história da educação, não só de Valença, mas também da história da educação brasileira, nos períodos: colonial, imperial e, primórdios da República. Contudo, as reflexões de Luciano Mendes, acerca da instrução elementar no Século XIX, nos ajuda a construir interrogações importantes acerca deste problema. Assim coloca:



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

(...) Diversos são os estudos a respeito da educação brasileira no século XIX, particularmente no período imperial, têm demonstrado que havia, em várias Províncias, uma intensa discussão acerca da necessidade de escolarização da população, sobretudo das chamadas camadas inferiores da sociedade. Questões como a necessidade e a pertinência ou não da instrução dos negros (livres, libertos ou escravos), índios e mulheres eram amplamente debatidas e intensa foi a atividade legislativa das Assembleias Provinciais em busca do ordenamento legal da educação escolar. (MENDES, 2003, p. 135)

Nessa perspectiva de discussão, vale citar Gonçalves que discutindo o problema em questão afirma:

(...) Fomos levados a buscar as possíveis respostas a essas importantes questões no século XIX. Este, apesar de já estarmos em plena travessia para o século XXI, permanece, para nós, tão misterioso quanto fascinante. Nele podemos estudar como o governo imperial preparou-se para garantir os cuidados com as crianças negras, após a Lei do Ventre Livre de 1871. Exigia-se que os senhores de escravos tomassem a seu encargo as crianças livres até a idade de oito anos. No caso de abandono, previa-se que essas crianças fossem encaminhadas a instituições estatais criadas para esse fim. (...) Sobre essas instituições há alguns poucos estudos que apontam a existência de iniciativas, seja da parte do governo ou de certos setores privados das elites dominantes, que envolviam medidas visando à educação das crianças negras livres. (...) As pesquisas que estão em andamento sobre essas instituições certamente nos trarão informações interessantes quanto ao seu funcionamento, mas dificilmente poderemos dizer que elas responderam às necessidades educacionais das crianças negras. Em outros termos, a situação de abandono não foi por elas resolvidas. (GONÇALVES, 2003, p. p. 326.327).

O Município de Valença está localizado na Microrregião Tabuleiros de Valença, constituindo a sede da 5ª Região Administrativa da Bahia. Ocupa uma área de 1.294 Km<sup>2</sup>, e segundo dados do IBGE (2013) tem uma população de 88.673 habitantes. Dentre as regiões e municípios onde há campus da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Valença ocupa posição de destaque com maior contingente populacional negro do Estado. Assim, pode-se afirmar que uma das características



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

da cidade é ser eminentemente negra, muito embora esta visibilidade física seja invisível, vez que se olhada a partir dos aspectos socioculturais, as elites dominantes mascaram a cultura negra para promover um único padrão cultural em detrimento do outro. A pluralidade é silenciada em função da negação dos aspectos da história e cultura do negro. Não há referências positivas que potencialize a construção de uma identidade étnica para afirmar-se como negro.

A história da educação de Valença, como via de regra ocorreu em outros cantos do Brasil, tem sua matriz na educação jesuíta, a qual imprimiu na educação desse município, as suas marcas, mas apesar da atuação dos padres jesuítas na então capitania, não chegaram a construir nenhum colégio católico ou convento, a exemplo dos Franciscanos na Ilha de Cairú, onde construíram em 1654 a Igreja e o Convento de Santo Antonio.

Passando dos tempos remotos para o contexto atual, a educacional em Valença, nos últimos anos tem apresentado crescimento significativo na sua rede de ensino, principalmente, em nível superior contemplado por expressivo número de instituições de ensino, sendo uma pública, do Campus XV- UNEB; e duas privadas: Faculdade de Ciências Educacionais-FACE; Faculdade Zacarias de Góes - FAZAG. No conjunto oferecem um número razoável de cursos que, em alguns casos, não é mais necessário sair da cidade para realizar o curso desejado.

Outro fator expressivo no impulso da educação em Valença é a presença das escolas profissionalizantes de Ensino Médio: A Escola Agrotécnica-EMARC, criada na década de 80 do século passado, mas em 2008, transforma-se, adquirindo um novo perfil institucional através da integração à Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica como *campus* do IF Baiano; O Centro de Educação Federal Tecnológica-CEFET, criado em 1995, como Instituição Federal de nível médio e pós-médio, também profissionalizante, voltada para a formação de técnicos em pesca, construção naval, turismo e hotelaria; em 2008, recebeu o nome de Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. O IFBA



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

É nesse cenário educacional que tentaremos explicitar alguns apontamentos, embora iniciais para um estudo sobre as trajetórias pessoal e profissional de um grupo de professoras negras da rede pública municipal de Valença, que atuam no Ensino Fundamental de primeira à quarta série. Nosso objetivo é tentar compreender por que o contingente significativo de professoras negras nas séries iniciais das escolas públicas da cidade de Valença, contrastando com a reduzida presença nas escolas públicas de Ensino Médio, e, também com o número insignificante no Ensino Superior.

Nesta ótica percebe-se que a historiografia da história da educação brasileira, com raríssimas exceções, é omissa no registro da presença do negro no cenário educacional. Em outras palavras não trata sobre os processos educativos que envolviam os afrodescendentes, ainda nos séculos passados, tais como as iniciativas originadas e conduzidas pelos próprios negros, a exemplo das associações religiosas (as irmandades), as iniciativas de alguns religiosos, as iniciativas dos abolicionistas, dos republicanos. Estes últimos, movidos por interesses em somar forças para realizar seus projetos políticos de sociedades. Esse silêncio pode ser explicado, em parte, como sendo uma marca que caracteriza a história oficial, cujas análises são expressões de uma tendência evolucionista, linear de dirigir e observar as iniciativas educacionais que surgem no âmbito do Estado submetidas às normas e regulamentos da educação escolar.

É importante ressaltar que, dentre os estudos e pesquisas que buscam investigar os condicionantes históricos que explicam o problema da diferença no nível educacional observada entre brancos e negros, alguns vêm procurando romper com essa perspectiva de análise evolucionista, linear e buscam concentrar as discussões acerca da história da educação do negro no Brasil, a partir nas ações desenvolvidas, por pessoas, movimentos, instituições, práticas sociais que não obdecem aos regulamentos instituídos na educação regular mas têm um educativo no seu interior.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Assim interessa para o presente texto evidenciar que pensamos o fenômeno educativo, na perspectiva de Brandão, no decorrer do processo da vida social. Os homens se educam à medida que buscando sobreviver, criam, experientam e transformam a natureza, ao tempo que são influenciados por esta. O processo de endoculturação se dá através do aprendizado, (que por sua vez se processa de várias formas), da experiência pessoal do homem com o mundo e com o seu semelhante. É nesse processo que vai se dando a inserção dos indivíduos dentro de uma cultura. Como afirma Brandão (1988, p. 10): “A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade.”

Nessa ótica de análise Gonçalves (2003, p.334-335) discutindo a questão do silêncio historiográfico acerca da educação do negro no Brasil, afirma:

(...) Como dito anteriormente, ao fazer o balanço da situação educacional dos negros no Brasil, concentramos nossas observações naquilo que se refere à escolarização (m graus e níveis de educação escolar). Mas sabíamos que operávamos em limites esses estritos. Como muitos outros pesquisadores compartilhamos da idéia de educação não se restringe à aquisição da escrita, menos ainda ao saber exclusivamente escolar. Colocaremos, aqui, o acento nos processos de educação para a cidadania. Foi por meio deles que os negros os negros brasileiros aprenderam a lutar contra o preconceito e a discriminação racial, incluindo em seu ideário reivindicações que visavam romper com o abandono exigindo direitos sociais e iguais oportunidades de educação e trabalho.

Cruz (2005, p. 21-22), ao analisar o problema da lacuna existente na literatura trabalhada nos cursos de pedagogia com relação ao acesso dos negros à educação escolar, nos séculos passados, afirma que:

Mas, se isso é verdadeiro, como explicar a intervenção dos negros na sociedade brasileira nos primeiros anos da República, através das organizações negras, da criação de escolas e da imprensa negra?



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Quais teriam sido os processos de escolarização vivenciados desde o período da escravidão para que logo em anos iniciais da República pudessem estar dando corpo a intervenções sociais no campo intelectual? Estas e outras questões podem ser suscitadas e a carência de respostas indica a ausência de conteúdos na história da educação brasileira que contemplem as trajetórias educacionais e escolares dos negros (afro-brasileiros).

Menezes (1999, p. 1-2) analisando o processo de inserção da população brasileira na escola, e também na cidadania no período pós- abolição, aponta algumas pistas que norteiam nossas interrogações a respeito da trajetória percorrida pela nação brasileira em busca da instrução. Partindo do a priori de que “o acesso a educação é um marcador da desigualdade racial no Brasil”, o autor faz os seguintes registros:

A análise das informações do período pós-abolição, disponíveis nos Censos Demográficos, no entanto nos permite uma aproximação da dimensão da exclusão e da lentidão do acesso de inclusão dos negros à cidadania brasileira(...) tendo em vista a escolha da alfabetização como critério para a qualificação do eleitor desde 1881 até 1986. Destacaremos os dados referentes à população negra e mestiça, nos Censos Demográficos em que foi incluído o quesito cor-de-pele, acompanhando o processo de sua inclusão à sociedade brasileira, após a escravidão, (...)O Censo de 1872 é o primeiro a ser realizado nacionalmente, ainda no tempo do Império e da escravidão. Os dados dele advindos mostram uma sociedade em que o analfabetismo era a regra: O Brasil tinha 81,43% da sua população livre analfabeta (...). Quanto à situação de homem livre ou escravo, verificamos que a condição de escravo praticamente excluía da condição de alfabetizado: apenas 1403 escravos sabiam ler e escrever, em todo o Brasil, sendo 104 em S. Paulo, 64 na Bahia e 107 no Rio de Janeiro. Na Corte, a presença um grupo maior: 329. Em percentuais, sempre abaixo do 1%.

Partindo das conjecturas teóricas formuladas pelos autores que dialogamos no decorrer deste texto, acerca da complexidade da problemática que envolve os contornos da história da educação dos negros no Brasil, com a realização do trabalho que estamos propondo, pretendemos investigar qual, ou quais os fatores que explicam o porque da existência do significativo contingente de professoras



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

negras no magistério público municipal de Valença- Bahia, nas séries iniciais do ensino fundamental (de 1ª a 4ª ), ao contrário do que se observa nas escolas de ensino médio localizadas na região. Neste sentido, o nosso interesse maior é buscar a verdadeira relevância do papel exercido pela mulher negra na constituição da sociedade valenciana, portanto na construção dos valores que caracterizam a nossa educação ( isto no sentido da compreensão de educação que explicitamos, paginas atrás.). Daí então, as questões que evidentemente, construiremos acerca das professoras negras poderão servir de fontes estimulando a construção de novas investigações, no campo da história da educação, buscando discutir os processos experimentados pela população negra em busca de inserção na educação na Região do Baixo Sul onde está localizada a cidade de Valença.

Vale salientar que o interesse em investigar os sujeitos em questão caracteriza-se como a necessidade da pesquisadora em reler sua história, ao tempo em que irá desenvolver uma escuta principalmente da experiência como mulher negra professora universitária, que tem uma história de vida, na caminhada em busca da escola, na construção de estratégias para conseguir vencer as barreiras, muitas vezes quase intransponíveis, impostas pelo sistema e, estruturar a formação acadêmica para exercer a docência no ensino superior. Isto posto, supomos que na minha memória, na minha história, na minha trajetória, trago recortes de experiências que guardam semelhanças com fatos que marcaram os caminhos trilhos pelas professoras negras de Valença na suas histórias de vida e trajetória pessoal, e profissional.

Nessa perspectiva, tendo como referencia inicial o registro dos depoimentos das professoras, que serão nossas depoentes, através da memória contida nos seus relatos sobre sua vida escolar, a formação e atuação profissional, além de suas impressões sobre a educação da cidade”, circunscrevemos nosso trabalho nos procedimentos da história oral, por entendermos que o seu referencial teórico



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

metodológico possibilitará uma percepção significativa, ampla das dimensões da experiência de vida e profissão das professoras em questão.

## REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, M. de Lourdes. Território Negro **Em Espaço Branco**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. In: ROMÃO, J.(org) **História da Educação do Negro e outras histórias**. Coleção: Educação Para Todos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 21-33.
- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. Negros e Educação no Brasil. In: VEIGA, C.G.; LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L.M. DE (orgs). **500 anos de Educação no Brasil**. Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2003. p 325-346.
- LAMPERT, Ernâni. Professor negro: trajetória profissional de êxito. **Revista da FAEEBA – Educação e Política / UNEB- FAEEBA**, Faculdade de Educação do Estado da Bahia - Ano 7, nº. 10, Jul a Dez. 998. p.107-122.
- MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global, 2006.
- MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. **Igualdade e liberdade, pluralismo e cidadania: o acesso à educação dos negros e mestiços na Bahia**. Córdoba. Argentina, 1997. Disponível em [www.pppeduc.com/promeba/produção](http://www.pppeduc.com/promeba/produção). Acesso em 31 de julho de 2013.
- OLIVEIRA, Waldir Freitas. **A Industrial Cidade de Valença (um surto de industrialização na Bahia do século XIX)**. Universidade Federal da Bahia: Centro de Estudos Baines, 1985.
- SANTANA, Carlos Eduardo Carvalho de. **Educação na Bahia – Coletânea de Textos**. Projeto memória da educação na Bahia. – Salvador: Ed. da UNEB, 2001. p. 45-52.
- TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 10ª ed. S.P: Unesp, 2001.